

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscree-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anuncios, 20 réis por linha — Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis — Semestre, 1\$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 24

SEXTA-FEIRA 20 DE SETEMBRO DE 1861

PRIMEIRO ANNO

AVEIRO

Aveiro está classificada para o pagamento do imposto industrial como terra de 3.ª ordem.

Estão classificadas terras de 3.ª ordem para o pagamento do mesmo imposto todas as cidades e villas do reino á excepção de Lisboa e Porto; porque são terras de 3.ª ordem todas as que teem a população desde 4:000 até 50:000 almas. Pagam portanto as classes industriosas desta cidade o mesmo tributo que ha de pagar Coimbra, Vizeu, Braga, e outras cidades muito mais populosas, e onde os rendimentos das diversas industrias são muito mais lucrativos. Mas isto é uma verdadeira expolição aos artistas contribuintes, e a todas as industrias.

Pois o alfaiate, o sapateiro, e os restantes artistas, teem em Aveiro os mesmos lucros que em Coimbra, e em outras cidades do reino, á excepção de Lisboa e Porto? Onde estão nesta cidade as fortunas, accumuladas por individuos destas classes, que se veem amontoar em Coimbra, e n'outras terras?

O artista vive em Aveiro com a mais severa economia, e nunca lhe sobeja de suas despesas para ajuntar uma pequena fortuna, que possa pô-lo a coberto da pobreza, quando a doença e a velhice lhe baterem á porta.

Percorrei, mesmo fóra das duas capitães do paiz, as suas grandes povoações, e lá achareis não raro familias que vivem na abundancia, e no fausto, e no gozo de fortunas ganhadas por uma arte que em Aveiro não sabe dar mais do que o mesquinho pão.

As cruzes da lei que assim classificou as classes industriosas foram, e nem podiam deixar de ser, reconhecidas pelos poderes publicos. O governo foi auctorizado pela Camara para classificar do modo, que parecesse mais racional e equitativo, as terras a que conforme a letra da lei só cabia uma classificação injusta.

D'aqui se segue que para que os artistas, e restantes classes industriosas d'esta cidade, pagassem ametade, ou menos ainda, do imposto, que lhes pertence pagar por virtude da classificação da lei, bastava só que a camara d'este concelho representasse ao governo que os lucros dos homens de artes e officios, e geralmente de todas as industrias, não eram os mesmos em Aveiro que em Coimbra e em outras muitas povoações grandes: bastava que os srs. governador civil e delegado do thesouro informassem a verdade. O governo com certeza collocaria Aveiro na classe a que rigorosamente pertence; e os tributos dos artistas e de todas as industrias ficariam reduzidos talvez a menos de metade.

E' assim que nós comprehendemos a protecção, e o favor ás classes laboriosas.

Não basta só proclamar a tutella de que espontaneamente se encaregam; não bastam palavras de encarecidos offerecimentos.

E' mister traduzir em obras o que em cada hora se apregoa.

O maior favor que póde fazer-se ao artista é conseguir que elle não cercde ao seu sustento, e ao de sua familia, senão a menor quantia possivel para pagamento do imposto.

E podiam fazer-lo, e reduzi-lo a menos de ametade.

Mas ninguém velou pelos seus interesses, e ei-los ahi no caminho de pagar um imposto muito maior do que aquelle que lhe competia pagar.

Souberam chamar para fazerem gremio as artes, e as industrias d'esta cidade.

Disseram a cada um — vós pagais tanto conforme a lei, dividi esta quantia por todos a vosso arbitrio.

Mas occultaram o que mais convinha declarar aos interessados. Não lhes disseram que a lei estava virtualmente revogada, e que o governo tinha obrigação de collocar Aveiro em outra classe muito inferior áquella segundo a qual estavam lançando o imposto, e que para isso bastava que se representasse ao governo, que nesta cidade o lucro das artes e industrias era muito mais minguado do que em outras povoações grandes do reino.

Em vez de se lhes dizer — reclamai contra a vossa classificação, porque o tributo que pagaes segundo ella é um verdadeiro roubo que se vos faz, e já reconhecido como tal pelos poderes do estado; — guardaram profundo silencio neste assumpto; e só tiveram palavras para pedir aquillo que muito bem sabiam que os contribuintes não deviam pagar.

As camaras das terras tem o rigoroso dever de representar ao governo contra a classificação de seus concelhos para o pagamento do imposto; porque são ellas a cujo cargo está o velar por todos os interesses delles.

Mas a camara até hoje tem sido muda, e vê fazer de rosto enchuto uma expolição tão oppressiva ás artes e ás industrias de um concelho, onde se encontram muitos artistas contribuintes, que vivem paredes meias com a miseria.

Homens d'artes e industrias do concelho de Aveiro, viveis em completa illusão, ninguém vela por vós.

A camara municipal, governador civil, administrador do concelho, e escriptorio de fazenda, e todos os que vos podiam dar protecção, estão vendo com a maior indifferença a extorsão que se vos faz com o pagamento de um tributo, que é talvez duplamente superior ao que deveis pagar, e nenhum clamor ao governo, nenhuma palavra de conselho sequer consta que até hoje houvera.

Que resta neste abandono?

E' mister que as industrias façam o que em seu favor ninguém faz. É absolutamente urgente que representem ao governo contra a classificação desta cidade, feita pelo modo com que se acha, que é sendo equiparada nos lucros a todas as cidades grandes do reino, só com excepção de Lisboa, e Porto. Esta injustiça é tão flagrante que o governo não póde deixar de reconhecê-la, porque por mais que as auctoridades locais queiram encobrir a ver-

dade, é ella tão patente, e brilha por tal modo, que não pode por ellas ser empanada.

O governo tem stricta obrigação de transferir Aveiro para uma classe muito inferior, em que as artes e as industrias venham a pagar muito menos do que agora pagam.

Em uma grande parte dos concelhos deste districto dão-se iguaes defeitos na classificação. Os escriptores de fazenda interessam em que os tributos avultem, por isso são sempre inimigos das suas reduções. As camaras são regularmente fructuosas, e pouco sollicitas em velar pelos interesses dos povos; e estes, ou por ignorancia, ou pelo preconceito de que são infructiferas todas as diligencias para a redução do tributo, nada requerem, e assim se deixam ir expoliando pela inercia em que jazem.

Mas este caso para a redução dos tributos é excepcional, porque o governo está expressamente auctorizado pelas camaras para reduzir as classificações, por isso uma vez que se lhe prove que ha iniquidade na classificação actual, não póde elle deixar de transferir-a para aquella que for mais equitativa.

Ouvimos dizer que havia lembrança de construir em Canellas a estação do caminho de ferro que se tinha projectado para Estarreja. Custa-nos a acreditar semelhante coisa, para que não venhos motivo nenhum plausivel. Estarreja não só fica proximo a meia distancia entre as duas estações de Ovar e Aveiro, mas é alem disso, o ponto mais importante que se encontra entre as mesmas estações, já como capital de concelho e centro de população e influencia, já como possuidora d'um esteiro frequentado que termina na linha e no local designado para a estação, já, finalmente, como extremo do ramal d'estrada que se construe para comunicar com a estrada real. Não sabemos em que melhores condições possa estar a povoação de Canellas para ser escolhida como ponto de preferencia, e antes achamos que a sua posição e maior proximidade d'Aveiro não podem senão servir de razão para rejeitar tal ideia, que não cremos que tenha fundamento, e que por isso não limitamos a não acreditar.

(COMMUNICADO.)

INSTRUÇÃO PELO CLERO.

«Quero juntamente a instrução religiosa, em quanto pertencer e for ministrada pelo clero portuguez.»

Discurso do sr. J. Estevão pronunciado na sessão de 10 de julho de 1861.

Ha muito que os sabios trabalham na erecção d'um edificio grandioso, e de reconhecida necessidade social — a instrução dos povos.

O homem precisa conhecer na sociedade quaes os seus direitos como cidadão e como individuo; precisa conhecer a relação que ha entre elle e seu semelhante, os beneficios, que lhe deve pres-

na rua, perguntei-me a casa, de quem poderia ir arranjar-a. Como as melhores resoluções podem ser embaraçadas pelos menores obstaculos! Affigiu-se-me de repente que não encontraria aquelles sessenta francos, e que, depois de haver causado uma alegria a esta pobre rapariga, seria obrigado a deixal-a cahir de novo e mais profundamente na sua desesperação.

Corri a casa de minha mãe. Sabes que ella não é mais rica que eu. Tem uma rendasinha de tres mil francos, e eu nunca lhe peço dinheiro emprestado senão na ultima extremidade. Tem muita difficuldade em se arranjar todos os mezes até á epocha do pagamento, e eu tremia de que ou ella não tivesse mesmo o que eu vinha pedir-lhe, ou fizesse sacrificio emprestando-m'o.

Não estava em casa; jantava fóra. Dirigi-me a casa de dous amigos, dos quaes um morava perto da Madalena, o outro perto da porta Saint-Martin. Nenhum delles estava em casa. E entretanto o tempo passava, e eu tremia de que Herminia julgasse que aquillo era alguma mystificação. Não sabia para onde me havia de voltar, quando me lembro do meu relógio. Era a primeira vez que a necessidade do monte-pio se apresentava ante mim: acceitei-a com reconhecimento.

Fui a minha casa, buscar um recibo d'aluguer para provar a minha identidade, e, não sem certa emoção, entrei em um escriptorio da rua da Pépinière. Deram-me justamente sessenta fran-

tar, e a obrigação, que tem de o coadjuvar. Sem estes principios — o homem seria na sociedade um ente sem prestigio — e por isso desnecessario.

Mas onde hade ir beber estes principios? Quem hade instrui-lo na pratica do bem?

A experiencia tem mostrado, que a sciencia sem a moral e sem a virtude, tem conduzido os povos á irreligião, e á immoralidade. O homem immoral, ainda que sabio será sempre um verdugo da humanidade.

Sirvam de exemplo esses genios transcendentos, que, abuzando do talento em ditrimto dos povos, os tem arrastado á rebellião, e á discordia.

A origem e base da verdadeira instrucção é a religião e a virtude.

E' a religião no seu mais genuino sentido, que ensina a pratica de todas as virtudes tanto civicas como moraes; é ella, e só ella, que nos pode conduzir nesta vida, e ensinar-nos a fazer bom uzo dos direitos e facultades, com que Deus nos dotou.

A religião ensina a reger e governar as nações segundo a justiça, e equidade; — é ella, quem diz aos governantes — governae segundo as leis de Deus, porque o vosso poder emana d'Elle; e aos governados ensina-os a obedecer aos reis, porque elles governam em nome de Deus.

E' o homem sinceramente religioso, que sabe guardar a boa fé nos contractos, fazer justiça nos tribunaes, e estreitar os laços intimos da familia.

A religião ensina a acatar a mulher — esse ente fragil que tanto precisa do seu auxilio — a respeitar a propriedade dos ricos, e soccorrer a indigencia dos pobres.

E' da religião, bem entendida que deve vir a felicidade da patria: — é pois o homem religioso, — o que deve educar e instruir os povos.

E quem ha ahi mais competente para levar aos homens o pão do espirito do que o padre?

O padre é o encarregado dos interesses dos povos.

Em virtude do mandato de Jesus Christo — *Euntes erga docete omnes gentes* tem de os ensinar, encaminhando-os na senda da verdadeira religião, e por consequencia — da verdadeira instrucção. Tem de lhes indicar o bem para o seguirem, e apontar-lhes o mal para que o evitem. Tem finalmente de os instruir na pratica do Evangelho de Jesus Christo, cujos ministros elles são.

E a quem deve a Europa inteira o ensino, e a instrucção?

Jaziamos no pó da ignorancia, e foi o clero, que veio fundar eschollas de ensino primario, ensinando gratuitamente os primeiros rudimentos da nossa lingua.

E não foram só eschollas de ensino primario, as que o clero instituiu. Eschollas secundarias destinadas á educação da mocidade foram fundadas na Hespanha, na França e na Italia. «Todas as universidades da Europa, diz Chateaubriant foram estabelecidas por principes religiosos, ou por bispos, ou por padres, ou dirigidas por ordens christãs.»

cos. Voei a casa d'Herminia. Eram quasi sete horas. Se ella desconfiou de mim! pensei eu. Se já era muito tarde!

Chegando á frente da casa, vi luz atravez das folhas da gelezia d'Herminia. Não era muito tarde: respirei. Eu teria sido muito infeliz, se ella já lá não estivesse, e eu tivesse feito inutilmente o sacrificio, que acabava de fazer, porque era um verdadeiro sacrificio o que eu fizera, empenhando aquelle relógio, que fóra de meu pae.

—Onde vae? gritou-me uma mulher gorda, vendendo-me passar.

—Vou ter com a menina Herminia.

—Ella ahi está, me tornou ella, com o mesmo tom, com que me houvera dito: Os diabos te levem!

Encontrei Herminia vestida e lendo á claridade d'uma vela. Tive por um momento a idéa de que talvez ella me enganasse. Com effeito, porque razão estava ella vestida, se não devia sahir? Isto tinha uma razão mui simples: é que não tendo senão um vestido para sahir e para estar em casa, forçosamente havia de andar por casa vestida do mesmo modo porque sahia á rua.

Olhei para Herminia. Havia-se preparado o mais garridamente que lhe fóra possivel, e então é que eu comprehendí quanto devia ter custado a Antonino o separar-se della. Inclinou para mim a frente, sorrindo-me.

—Não me esperava já? lhe disse eu.

—Bem vê que sim, me respondeu, mostrando-me o seu livro.

FOLHETIM

MYSTERIOS

POR

ALEXANDRE DUMAS, FILHO.

A Carlos B ***

(Continuação do n.º 19)

No tom, em que estas palavras foram proferidas, havia uma profunda resignação... Pobre rapariga! joven, bella, e collocada entre estas duas necessidades: a prostituição e a fome!

—A menina comprehende a que dolorosas necessidades vae ser reduzida, continuei eu? Esta mulher ha de entregar-a ao primeiro, que vier... Convem-lhe esta vida?

—Oh! não. Mas a morte é cousa mui triste na minha idade.

—Tranquillise-se, eu remediarei tudo.

—Que significa isso, que disse?

—Eu pagarei á dona da casa o que lhe deve.

—Mas é mister que eu viva?

—Quanto gasta aqui por mez?

—Sessenta francos pelo menos.

—E se tivesse esses sessenta francos?

—Ah! seria muito feliz.

—A que horas deve dar a resposta a essa mulher?

—As seis. Eu estava-me vestindo...

—Sim, comprehendo, respondi eu interrom-

pendo Herminia no meio da sua phrase, comprehendendo aonde ia.

Olhei para o meu relógio, eram cinco horas menos um quarto.

—Vou a minha casa, disse eu a Herminia, buscar com que pagar o que deve; e para que a dona da casa se não vingue da recusa, que vae fazer-lhe, d'aqui a dous, ou tres dias procurar-lhe-hei um quarto mais conveniente, em uma casa mais decente. Escreverei isto a Antonino, se lhe aprouver.

—Como é bom, senhor! me disse Herminia levantando-se... Como poderei eu nunca agradecer-lhe o que faz em meu favor? O senhor não poderia avaliar, continuou ella com emoção, a felicidade, que experimento, por não depender já desta mulher.

Peguei na mão d'Herminia, levei-a aos labios, e em seguida deixei-a, dizendo-lhe:

—Dentro em um quarto d'hora estarei de volta.

Quando deixei de estar sob a pressão da emoção, que acabava de experimentar, adverti que me tinha adiantado um pouco com Herminia a respeito do dinheiro, que devia levar-lhe. Eram-lhe necessarios pelo menos sessenta francos, e eu não os tinha. Estavamos no fim do mez, e restavam-me apenas vinte francos. A causa, pela qual eu carecia d'esta somma, era tão honrosa, que eu, prometendo-l'ha, não duvidara de que ia encontral-a immediatamente; mas achando me

E será o sacerdote ignorante o que deve estar á face do ensino? O padre deve, além de virtuoso ser illustrado. Deve ter principios, que o preparem para interpretar a sciencia de Deus, e a philosophia do Evangelho: para conhecer as falsas doutrinas — fazendo que os homens as evitem, e obstando a que ellas se propaguem.

Com estes dotes o sacerdote cumprirá a missão, que lhe foi confiada por Jesus Christo, e fará á sua pátria um grande serviço.

O governo deve possuir-se destas verdades, não só porque dahi tirarão grandes vantagens moraes, como fica dito, mas por que para o padre o ensino é uma das condições do seu ministerio sagrado, e que melhor pode ajudar essa classe a sahir do abandono em que ha tanto tempo jazido.

Pelas mesmas razões é desta forma, que podemos ter instrucção no nosso paiz; e fazer da patria — uma nação livre, independente, e illustrada.

A. C. Figueira.

IBERISMO.

Segue o 6.º artigo do *Contemporaneo*, jornal de Madrid.

HESPAHNA E PORTUGAL.

Em vista dos dados do artigo precedente, não parece que nós, hespanhoes, tenhamos, direito para dizer que em Portugal ha um abandono inevitavel e constante dos grandes interesses materiaes e uma escassez, já chronica, de recursos, cuja existencia não se concebe naquella sexta parte da peninsula, quando as outras cinco, com igual sóto, nas mesmas condições, apoz transtornos mais prolongados e transcendentes, gozam de uma situação desafogada, prospera e, relativamente, até apulenta.

Qualquer livro, qualquer documento que compulsemos para nos convencer desta opulencia relativa de Hespanha, e desta indigencia de Portugal, vem demonstrar-nos que nos achamos em erro. Do *Compendio Estatístico* do sr. Aldama passamos ao *Almanack de Gotha*, e vemos que a Hespanha exportou, em 1854, noventa e tres milhões de reales, e que Portugal exportou vinte e sete milhões e meio, isto é, muito mais de uma quinta parte.

Vemos igualmente que Portugal tem em 1858 uma marinha de guerra, que consta de 37 vasos com 362 bocas de fogo, e a Hespanha uma marinha de 82 navios com 887 peças; que o exercito effectivo portuguez conta de 18 a 20:000 homens; isto é, se as forças de terra de Portugal não são relativamente superiores a Hespanha, não se póde negar que o são as maritimas.

Diz o sr. Gullon que o estado da fazenda publica em Portugal é deploravel; porém não é muito mais satisfactorio o de Hespanha, e diz-se que ali ainda se não pode achar o meio de igualar a receita com a despesa; que se fazem emprestimos, que se augmenta a divida publica e que ha deficit todos os annos, como se em Hespanha não houvesse nada disto, em igual ou maior escala.

E' certo que os rendimentos do estado não são em Portugal proporcionalmente iguaes aos de Hespanha; mas isto póde provar que a administração a' é mais economica, e que o povo não está tão sobrecarregado de tributos. Não ha, sem embargo, nem nisto mesmo, uma notavel inferioridade proporcional. As rendas de Portugal serão uns 260 milhões de reales, de sorte que não é proporcionalmente mais rico o thesouro hespanhol, senão na quinta parte do que os nossos rendimentos excedem a somma de 1.300 milhões.

No que levamos grande vantagem aos portuguezes é nas colonias. Só o rendimento total da ilha de Cuba é maior que o de todo o reino visinho, e o seu commercio é duas vezes mais consideravel. Esta colonia produz á Hespanha de oito a nove milhões de duros annuaes, ao passo que as portuguezas nada produzem, antes custam á metropole, para as guardar, conservar, e administrar pobremente, de tres a 4 milhões de reales por anno.

Mas, a differença mais notavel em nosso favor, está no progresso material, rapido e visivel, que ha na Hespanha desde o começo d'este seculo, e sobre tudo desde ha vinte ou trinta annos,

ao passo que Portugal apenas se tem adiantado em muito poucas cousas, e n'outras ha decaido.

Assim resulta que, quanto mais proximo forem a nossos dias, os dados a que nos socorrámos para comparar Portugal á Hespanha, mais favoraveis serão esses dados para esta ultima nação. Não negaremos que Portugal faz progressos, porém não tantos como a Hespanha. Os rendimentos das nossas alfandegas que, em 1818 não passavam de 90 milhões, chegaram a 220 em 1858. O nosso commercio de importação e exportação, de que já demos a somma total em 1854, elevou-se em 1858 a 2,420,112,302 reales. A nossa marinha mercante teve tambem tão consideravel augmento, que já no dito anno de 1858, contava 5175 navios; isto é, mais do que todas as nações da Europa, menos França e Inglaterra.

Na historia de ambos os povos ha uma circumstancia que explica esta situação respectiva. A guerra da independencia contra Napoleão I, influiu em sentido mais contrario em Portugal do que em Hespanha. Aqui rejuvenesceu a nação, e imprimiu-lhe um caracter impulsivo, com que ainda se move. Ali submetteu-a á Inglaterra, afogou sua prosperidade, esterilizou seu commercio e industria, e fê-la cair n'uma syncope de que agora torna a si com grande trabalho e esforço.

Desde 1802 ha em Hespanha a consciencia da nossa existencia, como nação, que, apesar de seu nobre orgulho e de sua grandeza passada, não tem com igual vigor os portuguezes. Seus homens conspicios de todos os partidos acham-se abismados em um desalento muito mais profundo do que aquelle que opprime os hespanhoes. Os liberaes, como Garret, dizem: *fômos e ja não sômos*: os absolutistas, como o sr. Palha, confessam que a nação dorme um sono de morte desde Alcaer-Quibir até hoje, sono de que não despertará, se não para se separar da Hespanha.

Desde então até agora
N'esse sono que a devora.
Tornou de novo a cair.

Não tomamos na genuina expressão da palavra estes lamentos patrioticos: comprehendemos as exaggerações do patriotismo lastimando-se por em as exaggerações e os ais tem algum fundamento. A ultima efflorescencia litteraria de Portugal, que começa em Garret e produz logo Mendes Leal, Latino Coelho, João de Lemos, Rebelo da Silva e a outros engenhos de primeira ordem, com um remoamento do espirito publico nacional; mas não tem, por desgraça, todos os seus caracteres. O patriotismo exclusivo afoga, e não consente o perfeito desenvolvimento desse espirito publico. O pensamento nacional, se tem de renascer em Portugal e Hespanha, é sob a fórma do *iberismo*; porém o iberismo paciente, sereno e firme que quer ir com pausa e soccoo até a unidade, por seus passos e graus naturaes, como unico meio de recobrar, nas circumstancias presentes do mundo, a força e preponderancia politica perdidas, como unico meio de que ambos os povos da Iberia possuem para não serem povos insignificantes, e tornem a ter uma grande missão na historia.

Desta sorte é como comprehendemos o iberismo. Não é uma necessidade, e pode ser uma conveniencia. Não se requer a união para se viver: Portugal viveu bem, com riqueza e prosperidade materiaes, e pode viver do mesmo modo sem nós; pode chegar a ser uma nação mais industrial, mais rica, mais abastada do que a Belgica; porém Portugal, sem nós, não pode tornar a ser uma grande nação, e Portugal aspira a sel-o. Portugal não pode renegar de seu passado.

Nós estabelecemos um argumento precisadamente contrario ao do sr. Gullon. Este é *iberico*, porque não estima tanto como nós o extraordinario e sublime das historias portuguezas: nós somos ibericos, ainda appellando para o futuro, para a realisacão de nossas ideas, porque admiramos essas historias. Se Portugal as não tivera, seus poetas, seus politicos, seus escriptores e pensadores teriam outro fito mais burguez, mais humilde, menos heroico: limitar-se iam a ser invejosos, sem terem ambição. Estas queixas de *fômos, já não sômos*, não sabiriam de labios portuguezes; nem mereceria tanta dôr haver em 1861 algumas fabricas menos do que em 1807. Aquella prosperi-

dade pode renovar-se facilmente, porém Portugal não pode ficar satisfeito com ella. A condição, a indole, o instinto, as tradições de todo o portuguez o movem e arrastam a propositos e a fins mais elevados. Nenhum portuguez, de mão sobre o coração o podera negar. Isto pois, e não a necessidade de viver, para a qual não precisam de nós, é o que mais tarde ou mais cedo os hade levar todos ao iberismo. Não será a idea de que valem pouco, não será o sentimento de prostração e de humidade, mas sim o orgulho nacional e seus devaneios ambiciosos, e as saudades do passado poderio, e que hade impellir-os a serem ibericos, como a Belgica ou a Suissa.

No seculo XVIII, quasi desde o momento da separação de Hespanha, estiveram os portuguezes ricos e prosperos, relativamente á sua pequenez de população e territorio, e comparando-as com as demais nações da Europa. Sem embargo, nem Portugal nem os portuguezes estão satisfeitos com aquella época, como o não estaria um grande principe, que, perdida a sua corôa, adquirisse dinheiro e bem estar, consagrando-se apenas ás prosaicas occupações do lavrador, do mercador ou do fabricante. O throno, o sceptro, a dominação passada o atormentariam de continuo com a sua recordação, e até lhe embargariam o espirito, impedindo-o de que se occupasse com fructo de suas novas e plebeias funções.

Os portuguezes desejam ainda, e tem fatalmente que continuar a desejar, ser uma grande nação. Sob este ponto de vista, com esta situação de animo, é que reprovam e desprezam o que na generalidade nem desprezo nem reprovação merece. Como o illustrado escriptor Lopes de Mendonça, chamam á sua historia, desde 1640, até ha pouco tempo, um *longo pezadello de duzentos annos*, condemnam D. João IV, por que vendeu á Inglaterra as possessões da India, e a cidade de Tanger, declaram D. Pedro II um pachá de Inglaterra; escarnecem de D. João V, apesar de fundar o patriarcho, pagando a *peso de ouro a insaciavel cobiça do papa* e apesar de ter edificado *Maфра, grande monumento material sem pensamento*, Escorial sem São Quintino; e apenas concedem que Portugal seguisse a corrente civilizadora da Europa, no tempo do despotico, ainda que admiravel e intelligente, Marquez de Pombal.

Os portuguezes tem, pois, outras aspirações que não diremos se logrem com a futura união; mas que, no actual estado do mundo só com ella se podem conseguir.

Por isto, são os portuguezes, ainda que digam o contrario, muito mais ibericos do que nós. Porém o iberismo nasce do orgulho e do amor da patria, e combater nelles estes nobilissimos sentimentos é combater o iberismo.

O verdadeiro espirito nacional portuguez não nos póde ser adverso. O verdadeiro espirito nacional portuguez tem que ser hespanhol. Desde a fatal revolução de 1640 não renasceu este espirito: agora é que elle de certo se vivifica e renima. Como comparar, por exemplo, o conde da Ericeira com Herculano, qualquer poeta gongoriano d'então com um João de Lemos, como Bulhão Pato com um Garret? Só Vieira, diz o sr. Lopes de Mendonça, era então um escriptor inspirado; porém não recebia alento inspirador da patria, mas sim do Jesuitismo, daquella poderosa sociedade a que pertencia.

No setimo artigo, que será o ultimo desta série, diremos quaes são os meios que, a nosso ver, se hão de ir empregando, para se chegar, lenta e seguramente, a essa unidade, a essa confederação, ou pelo menos a essa estreita aliança, a que o destino e natural condição de hespanhoes e portuguezes impellem com providencial e inevitavel attração, que cresce não em rasão inversa da vida propria de Portugal, mas sim na rasão directa do desenvolvimento moral e material de ambas as nações, e das esperanças, aspirações, e desejos que este desenvolvimento tras consigo.

PARTE OFFICIAL

MINISTERIO DA FAZENDA

D. Pedro por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves etc. Fazemos saber a todos os

minia entrando e fechando a porta; está furiosa. Humilhou-a o pagamento.

—Mas não obstante, vae fazer-lhe servir o jantar, não é verdade?

—Decerto. Disse-me com um tom desabrido: Deve alegrar-se muito o ver ouro. Ha muito que o não tem. Tem muito como este?

—Não tenho muito, respondi eu, mas tenho o sufficiente.

Que singular cousa que é a mulher! e quão pouco é necessario para a desviar do mal! Eis aqui uma rapariga, a quem tres moedas d'ouro preservaram, psavelmente, de cometer o que, nas theorias humanas, é olhado como a maior falta, que a mulher pode commetter, e que, graças aos socorros, que eu lhe prestei, tem a alma accessivel aos melhores sentimentos.

Fazia eu estas reflexões, vendo Herminia preparar, com o riso nos labios, tudo o que ia ser-lhe necessario para jantar. Este quarto, tão triste de manhã, estava agora radiante com a alegria desta pobre rapariga. Assisti á simples refeição, que lhe trouxe uma especie de criada, depois abraçei-lhe a fronte e deixei-a.

Quando descia a escada, senti-a tirar a chave da porta, e no momento em que chegava á rua, vi-a descer a gelosia e dizer-me adeus com a mão.

Dormi bem. Seria mui longo contar-te quantos pensamentos me vieram ao espirito antes de adormecer. Basta que saibas que Herminia se tortara a minha unica preocupação; que eu me pro-

nossos subditos que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º É concedida á misericórdia da villa de Figueiró dos Vinhos, districto administrativo de Leiria, a igreja do extinto convento do Carmo d'aquella villa, e corredor contiguo á mesma; o corredor do lado do sul, desde a sacristia proxima á rua publica até á varanda inclusivamente, com todas as pertenças inferiores e a parte correspondente do claustro, para o estabelecimento de um hospital e para todos os piedosos fins da sua instituição.

Art. 2.º A parte do edificio do mesmo extinto convento do Carmo, não comprehendida na concessão feita pelo artigo 1.º á misericórdia da villa de Figueiró dos Vinhos, é concedida á camara municipal da mesma villa para o estabelecimento da casa da camara, tribunal judicial, administração do concelho e cadeia.

Art. 3.º A concessão feita nos artigos 1.º e 2.º acaba, revertendo para o estado o edificio cedido, se dentro do prazo de oito annos lhe não forem dadas as applicações designadas nos mesmos artigos.

Art. 4.º Fica revogada toda a legislação em contrario.

O conselheiro d'estado, ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda, a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço das Necessidades, aos 20 de agosto de 1861.—El-rei, com rubrica e guarda.—Antonio José d'Avila.—Logar do sello grande das armas reaes.

Carta de lei, etc.

D. Pedro, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º É prorogado até 31 de dezembro do corrente anno o prazo estabelecido no artigo 8.º da carta de lei de 11 de agosto de 1860 para a apresentação aos respectivos chefes dos diplomados dos empregados, que requereram o seu encarte até 28 de dezembro do anno passado.

Art. 2.º A prorrogação determinada no artigo antecedente será apenas de dois mezes para aquelles empregados, cujas liquidações estiverem já concluidas, ou forem até ao dia 30 do corrente mez.

§ unico. Os devedores de direitos de mercê, que antes da lei de 11 de agosto, mencionada no artigo 1.º, tinham requerimentos pendentes para se lhes passarem titulos de divida publica, dos que a esse tempo eram admittidos no pagamento de taes direitos, serão attendidos pelo governo, marcando-lhes prazo rasoavel para a apresentação dos titulos, e admitindo-os no pagamento, se estiverem no caso d'isso.

Art. 3.º Pela secretaria d'estado dos negocios da fazenda se dará conhecimento aos diversos ministerios das liquidações concluidas até aquella data, a fim de que nos respectivos empregados possa ser applicada a pena estabelecida no referido artigo 8.º da carta de lei de 11 de agosto de 1860.

Art. 4.º Fica revogada a legislação em contrario.

Mandamos portanto a todas as auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e guardem e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O conselheiro d'estado, ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda, a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço das Necessidades aos 21 de agosto de 1861.—El-rei, com rubrica e guarda.—Antonio José d'Avila.—Logar do sello grande das armas reaes.

Carta de lei, etc.

D. Pedro, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Art. 1.º É permitido o transito de Lisboa para Elvas, do material fixo e circulante que tiver de ser empregado na construcção do caminho de ferro de Ciudad Real a Badajoz e á fronteira portugueza, pagando o direito de transito estabelecido na carta de lei de 22 de fevereiro ultimo.

Art. 2.º É o governo auctorizado, quando o

mettia ter cuidado, não só da sua vida material, senão tambem da sua vida moral; que me compromettia comigo mesmo a cuidar da sua educação, a dirigil-a inteiramente para o caminho do bem; e, quando esta nova existencia a houvesse purificado, quando se houvessem desenvolvido nella os instinctos d'ordem, e es sentimentos necessarios á felicidade das mulheres, tencionava casar com um rapaz honrado, com um bom artista. Já vês que eu levava o sonho até aos ultimos limites, e que, ensoberbecendo-me com a minha posição de protector desinteressado, encarregava-me de uma missão quasi impossivel de cumprir, a quem tem a minha idade. Demais, quem teria acreditado nesta protecção desinteressada. Que homem honrado receberia das minhas mãos, das mãos de uma rapariga de vinte e cinco annos, uma rapariga nova, consentindo em fazer a sua mulher? A primeira idêa, que lhe haveria occorrido, seria—que esta mulher fôra minha amante, e que eu lançara mão deste meio, como o unico motivo de me desembaraçar d'ella. Ter-me-ia respondido, quebrando-me as costas, para me ensinar a fazer-lhe uma proposta tão impertinente.

Porém, nesta noute, eu não pensava assim, e a necessidade do bem me havia por tal modo entrado n'alma, que estava convencido de que ninguém podia duvidar d'elle. E eu teria tambem quebrado as costas aquelle, que tivesse manifestado a menor duvida acerca da pureza das minhas intenções. (Continua)

—Que estava lendo?

—Georgêta, de Paulo de Kock.

—Entrem-a isso?

—Sim, me respondeu ella ingenuamente, isto faz-me chorar.

—Minha mãe demorou-me, lhe disse eu immediatamente, tanta pressa tinha de dar uma desculpa á minha demora.

—Ainda tem mãe?

—Tenho, sim, menina.

—Ama-o muito?

—Muito.

—E o senhor?

—Eu adoro-a.

—Bom é isso. Queria talvez que ficasse junto d'ella; devia ficar. Teria vindo amanhã.

—E que teria a menina dito, se me não visse voltar?

Nada. Teria sem duvida pensado que alguma cousa o impedia. Agora deixe-me contar-lhe o que aconteceu, disse ella com uma intonação de creança. Quando partiu, eu fui ter com a senhora, e disse-lhe: Minha senhora, venho prevenil-a de que não deve contar comigo.

—Porque? me perguntou ella com um ar irritado.

—Porque m'o prohibiram?

—Mas não basta isso, tornou ella, é necessario pagar-me o que me deve.

—Pagar-lhe-ei dentro em uma hora.

—E fez muito bem, disse eu então; porque eu trago-lhe aqui o que precisa.

—Eu creio que a senhora o toma por um amante, me disse Herminia; porém isto não pode compromettel-o; ella não lhe sabe o nome, nem eu tão pouco. Tudo isto era dito com um agradável accento, em que transparecia a juventude e a verdade. Olhei em torno de mim. Nada annunciava que a pobre menina tivesse jantado.

—Não jantou? lhe perguntei eu.

—Ainda não; não queria pedir cousa alguma á senhora antes de lhe haver pago, porque ella teria tido muita satisfação em recusar.

—Visto isso, se eu não voltasse esta noute?

—Certamente ficaria sem jantar. Oh! eu estou um pouco habituado a isso.

—Deve ter fome?

Fez-me um signal affirmativo.

—Dividi consigo a minha bolsa, lhe disse eu. E puz tres luizes sobre a mesa.

—Como é bom, senhor, e que bem feito é o que faz!

Ella parecia ter acreditado com prazer o papel d'amigo, que eu lhe dissera querer desempenhar junto della.

—Vou pagar-lhe immediatamente, me disse ella, e ordenar que me tragam que jantar. Eu d'antes comia com ella, mas agora não quero. Abriu a porta, e ouvi-a descer.

Ficou curiosamente admirado, me disse Her-

judgar conveniente, a fazer identicas concessões por quaesquer portos do reino a todas as companhias ou empresas de caminhos de ferro em construcção no reino visinho.

Art. 3.º Ficam em vigor, na parte relativa aos casos marcados nos artigos antecedentes, as disposições da carta de lei citada e do seu respectivo regulamento.

Art. 4.º Fica revogada a legislação em contrario.

Mandámos portanto a todas as auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e guardem, e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O conselheiro de estado ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda, a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço das Necessidades aos 21 de agosto de 1861. — El-rei com rubrica e guarda. — Antonio José d'Avila. — Lugar do sello grande das armas reaes

Carta de lei etc.

CHRONICA DISTRICTAL

Ovar, agosto de 1861.

(Do nosso correspondente.)

No *Campeão das Provincias* de 9 de maio do corrente anno, no *Nacional* de 28 de junho de 1860, e *Campeão* d'essa epocha, e no de 4 de agosto d'este mesmo anno: fizeram-se accusações taes contra a camara d'este concelho d'Ovar, que se fossem no tempo em que um dos nossos monarchas mandou forrar uma cadeira com a pelle de um juiz corrupto, já ha muito que calçariamos mais barato; pois sem dúvida que os coiros teriam descido de preço, pela abundancia de nédeas ou bojudas pelles com que se fariam substituir.

Hoje porém, que tudo está mudado, mudou tambem a significação da palavra *corrupção*, e das mais, cujo final é —ão—, e por isso não se chama auctoridade corrupta, aquella que prevalece, torcendo a lei e desviando-se dos seus deveres—para administrar justiça como lhe convem—consumir os creditos que lhe foram confiados como lhe apraz—fazer entrar ou não no livro da receita todos os renditos conforme lhes interessa—e finalmente para indicar despesas feitas, sem dellas nem ao menos restarem vestígios, conforme se lhes torna necessario para encobrirem os seus desperdícios e dilapidações...

A auctoridade, hoje, que assim procede, não só não soffre o castigo, que em tempos de moralidade se lhe applicára, mas até é condecorada pelos seus convivas com o titulo de *finoria*—por saber viver e arranjar-se.

A camara d'Ovar, pois que é ferrenha sectaria d'aquelle systema, deverá ficar condecorada e chrismada com o titulo de *finoria*, como já ficaram outras suas predecessoras com o de—camara dos leitões—, camara dos bailes—, e finalmente o de—camara dos meninos, ou letras gordas—.

A actual deve-lhes pertencer aquelle titulo como mais honorifico, porque se a memoria nos não falha, é a fuzão da essencia, da nota de todas ellas.

Vamos ao que interessa, vamos finalmente, ainda que contra vontade da senhora camara supprir uma sua falta, publicando algumas verbas de despeza que diz ter feito; mas que unicamente constam do seu livro—B—.

Sobre tão momentoso livro, tinhamos muito que dizer; porém ficará para outra vez, contentando-nos com recomendar a leitura d'um tal livro a visinhos e estranhos, aos primeiros para saberem como se dá consumido o suor do seu rosto; aos segundos (se lhes convier) para aprenderem a terminologia rasgadamente franca, lata, e até sonora de que ali se usa.

Diz o dito livro que esta camara tem despendido, ou antes consumido em varias estradas e caminhos—das aldeias com nome, e em varios caminhos e estradas das aldeias sem nome, ao todo, um conto trinta e nove mil trezentos e noventa réis, = 1.039\$390.

Isto rateado da forma seguinte:

Vereador Guerra encarregou-se de consumir nos varios caminhos e estradas da freguezia de Vallega a quantia de 317\$665

Antonio de Oliveira Casaca e outro de Vallega, e em Vallega, da quantia de 19\$700

Vereador Carvalho nas varias estradas e caminhos das aldeias da freguezia de Ovar, da quantia de 264\$945

Vereador Azevedo no caminho do Sobral, da quantia de 15\$900

Vereador Martins em S. Vicente, da quantia de 8\$020

Manoel Francisco d'Assumpção e outros em Arada, da quantia de 57\$100

Amanuense da secretaria Casimiro, da quantia de 293\$145

Mattos, Manso, Pomba e outros, da quantia de 62\$915

Diz o dito livro:

Gastou-se em reparos de fontes com nome, e sem elle, cento e cinquenta e trez mil quatrocentos e quarenta réis, = são 153\$440.

Gastou-se em arranjos de pontes com nome, e sem elle, cento e cinquenta e nove mil quatrocentos e cinquenta réis, = são 159\$450.

Nas despesas destes reparos ou concertos de fontes e pontes só figuraram os vereadores Carvalho e Guerra, os mais confiaram isso a Mattos, Pomba e outros.

Diz mais o dito livro:

Gastou-se em reparar o paço do concelho, a quantia de cento e quarenta e um mil quinhentos trinta e oito réis, = são 141\$538.

Todas estas despesas dão-se como feitas até

junho passado, d'ahi para cá não sabemos o que por lá vae; porém como temos tenção de continuar a publical-as, quando a camara de dignar concluir as suas contas, então diremos por accrescimento o que houver de novo. É verdade que as folhas de despeza grande falta nos não de fazer para o trabalho que encetámos, mas como nos foi vedado pôr-lhe a vista, contentar-nos-hemos com o curioso livro—B—.

Quem vir este livro, e não tiver conhecimento d'Ovar e das aldeias que formam o concelho, decerto que forma um juizo muito grato e aprasiavel a seu respeito; porém se aportar estes sitios, a sua illusão desaparecerá completamente, e conhecerá o erro em que estava, por ter dado credito áquelle livro—por quanto em vez de bons, ou pelo menos seffríveis caminhos d'aldeias, como aquellas avultadas quantias lhe davam direito a esperar—achará caminhos intransitáveis, e completos precipícios, em nada melhorados pelos insignificantes côrtes d'algum vallo, e alguns carros de terra que os lavradores para isso apenas gratuitamente lhe deitaram—em vez de limpas e bem reparadas fontes—achará completos, imundos e, (para quem não quizer arregaçar-se ao joelho) inacessíveis charcos. Algumas conhecemos nós desde criança, vemol-as amiudadas vezes; e não obstante darem-se quantias gastas pela sua mudança ou reconstrucção, conservam-se hoje como da primeira vez em que as vimos.—Sirva de exemplo a fonte, ou melhor, a cisterna da Ribeira, para a mudança da qual (diz o curioso livro em 30 de junho de 1860, de despeza com ella feita trinta e oito mil réis, = são 38\$000;) e não obstante a *veracidade* de um tal livro, nem só uma pedra se boliu.

Em quanto ás pontes e paço do concelho, bastará dizer, que as guardas daquellas vão diariamente ficando sem capas; e que dentro deste nem sempre se dispensa o guarda-chuva—isto não obstante ter elle merecido os *cuidados* da camara; pois lhe tem feito alguma cousa—como duas janellas de pau de pinho, mandou pôr de valadio alguma porção do telhado, e até comprou uma fechadura para a porta da cadeia!...

Senhor governador civil: = Accusações de tal ordem nunca se fazem, sem terem por fundamento a verdade; porém, se della, ex.^{mo} sr., duvidas, porque não tendes vindo vêr e examinar?... Será, porque se vos tenha dito, que nós com isto temos fins occultos...?

Ainda que assim fôra, não estaveis vós relevado de cumprir com o vosso dever. Mas tende cautella, senhor, olhae que vos illudem. O nosso fim unico já o declaramos. Portanto não queiraes com a vossa inação e approvação tomar a responsabilidade de delictos, que não commetteis. Do contrario, se vos tornarem cúmplice nos crimes de vossos subalternos, não tendes que levar a mal.

D. A.

NOTICIARIO

Recita.—Deu na quarta-feira a sua primeira representação a companhia dramatica portugueza, que ali se acha. O espectáculo foi o que já se achava annunciado.

A companhia é digna de interesse, e principalmente a comedia do sr. C. Castello-Branco—*Poesia ou dinheiro*—agradou bastante. Cremos que os espectadores se retiraram satisfeitos.

A concorrência foi pequena.

A casa não é boa, mas, no seu genero, é supportavel, e pelo menos offerece mais largueza do que o finado theatro de S. João, na fabrica.

Aveiro deve envergonhar-se de não ter um theatro, e de obrigar as companhias que por ali vem a representar em um armazem. Ter um projecto de theatro, é quasi não ter nada.

Houve já quem se comprometteu a converter em realidade esse projecto, mas o comprometimento ficou no rol de muitas outras promessas, que ainda se não cumpriram, ... nem cumprirão.

Esperemos pelo futuro, e oxalá que nos enganemos!...

A companhia dá outra recita na sexta-feira. Escusamos de a recomendar, por que o acolhimento que mereceu a primeira, parece-nos bastante recommendação para que os espectadores acudam, em mais numero ... ao theatro.

El tem rasão!—Em um dos bens escriptos folhetins que o sr. A. Luciano está publicando no *Diario Mercantil* sobre a exposiçao industrial portuense, lê-se o seguinte periodo:

«Faltou Aveiro com os seus tão gostados escabeches. Quem sabe a grandesa d'aquella industria na foz do Vouga, lamenta que se não cuidasse de dar uma ideia della nos bufetes da exposiçao. O esmero de execução nos productos encomendados tem dado merecida fama aos escabeches d'Aveiro.»

Não haver ali ninguem que fizesse apparecer no exposiçao os nossos famigerados escabeches, e os classicos ovos molles, foi de certo um descuido imperdoavel.

Que apreciados não seriam elles dos visitantes principalmente se lhes fosse concedida a permissoão de tirar a prova!

Mas, seriamente, não era fôra de proposito fazer representar a nossa industria por esses productos, que tão apreciados são dos extranhos.

Assuada.—Consta-nos que hontem á noute houve uma grande assuada ahi para a Corredoura, onde ha umas casas de má nota. Apareceu um cabo de policia que quiz dispersar o bando, em que avultava a classe dos marujos, e que parece constava de mais de cinquenta, ao todo. O cabo porém foi desattendido e até a final apedrejado, mas depois auxiliado por dous soldados, conseguiu que o caso não fosse mais longe.

Vigie a auctoridade administrativa para que

se não repitam destes casos, que arguem falta de policia.

Mais promenores ácerca da festividade da Vista-Alegre.—Quando no n.º anterior demos noticia desta festividade, esqueceu-nos mencionar o brilhante fogo d'artificio feito pelo habil pyrotechnico o sr. Agostinho do Amaral Fartura.

Não devemos julgal-o inferior ao do bem conhecido artista conimbricense o sr. Francisco dos Santos Netto.

Dezajamos que este artista continue no aperfeiçoamento da sua arte, de que é digno cultor.

Concelho de Sever.—Veja-se o que d'alli se nos escreve:

«Antonio Solteiro, da Praça da Villa de Sever, um dos presos sem fiança, por crime contra a propriedade do sr. Agostinho de Figueiredo Lobo, foi espancado na noute de 7 para 8 do corrente Setembro, junto da Cruz do Peso, um kilometro distante da cadeia. Ia armado de sua cuchila, que serviu de cortar-lhe os dedos, quando por ella puchava.

Na noute de 10 para 11 gritou-se aqui d'el-rei no lugar da Portella, contra José Antonio de Barros, outro dos presos, (ou assim chamados) pelo motivo d'este querer espancar seu cunhado Antonio Solteiro; o sitio do principio da desordem foi á porta do mesmo José Antonio de Barros, meio kilometro da cadeia.

Manoel Dias de Mattos, outro dos chamados presos, ainda no dia 12 do corrente foi á feira de Arcorzello das Maías 15 kilometros distante do local da prisão; presume-se que irá tambem á feira dos Perdões. Srs. juiz de direito e delegado d'Agueda olhem para isto! Sr. governador civil repare, que emquanto os cidadãos pacatos de Sever do Vouga são forçados a recolherem-se, estar em suas casas, porque não soffram os desvarios dos mal intencionados criminosos, os mesmos que se dizem presos vagueiam por onde querem de noute e de dia!! Attenda a isto, se lhe parece!!!

Theatro de Ilhavo.—Enviaram-nos de Ilhavo a seguinte noticia: Apesar de não termos assistido á recita que no seu jornal do dia 17 do corrente debaixo da epigraphe—Noticiario—se diz, merecera os applausos dos espectadores, consta-nos que correu melhor do que a primeira vez que o drama—*Os homens de marmore*, foi á scena, distinguindo-se muito a sr.^a Vidal, pelo que foi victoriada com uma pomba branca, premio do seu talento; contudo a sr.^a Maria H. tambem mereceu muitos louvores, com especialidade no 3.º acto, que cumpungio bastante os espectadores. Desnecessario é fallar dos mais artistas porque todos elles desempenharam maravilhosamente, e sem distincção. A comedia—*Anjo e Demónio* continuou a ser applaudida, nem outra cousa se podia esperar, pelo realce que a sr.^a Maria H. dá aos complets, cantados com aquella graça que tanto os faz sobresair. Tivemos o desgosto de os não poder ouvir.

A concorrência ainda que menor, sabia avaliar competentemente o merito daquelles artistas, a quem pedimos não affrouxem em nos dar mais d'aquelles divertimentos, apesar dos incomodos e despezas que fazem.

M. B.

Falta de jornaes.—Temos tido por diversas vezes falta d'algumas folhas dos nossos collegas de Lisboa e Porto. Ha dias que nos falta o *Dirito*, o *Purgatorio* poucas vezes cá nos apparece, e o *Bem Publico* faltou-nos esta semana.

Donde procederá a falta?

Errata.—Mo segundo artigo do n.º passado, sobre a estrada d'Aveiro a Vizeu, na 2.ª columna, linha 33, onde se lê *margem esquerda* deve ler-se *margem direita*.

O sr. conde de Ferreira.—Este philantropico cavalheiro, incansavel em acudir com o seu dinheiro aos infelizes, lá enviou ao sr. conselheiro José Lourenço Pinto, presidente da commissão administrativa do asylo das raparigas abandonadas 450 libras acompanhando esta somma uma carta em que o sr. conde de Ferreira declarava, que para solemnizar o anniversario natalicio d'el-rei, offerencia ao asylo aquella quantia para ser empregada na compra de titulos de divida interna fundada, acções de Bancos, ou no que mais conveniente se julgasse, e accrescentava que no mesmo dia se servisse um abundante jantar ás asyladas e empregadas a expensas de s. ex.^a

Poucos estabelecimentos pois haverá no Porto que não tenham participado da beneficencia de s. ex.^a Boa applicação é esta que o sr. conde de Ferreira dá á sua immensa fortuna.

Novo titulo.—Consta que S. M. agraciára com o titulo de visconde o sr. Guilherme Augusto Machado Pereira.

Encerramento da exposiçao.—Teve logar no dia 17 do corrente, ás 2 horas da tarde, diz o *Jornal do Porto*, no edificio da Bolsa, esta cerimonia, que foi feita com toda a solemnidade, achando-se presentes as auctoridades, as direcções das associações Industrial e Commercial, o jury qualificador, titulares e outras muitas pessoas distinctas da cidade.

A cerimonia effectou-se no salão principal do edificio, que se achava decorosamente adornado para esse fim.

Tomou a presidencia o ex.^{mo} presidente da camara municipal desta cidade, visconde de Lagoaça, tomou a sua direita o sr. governador civil, e occuparam o logar de secretarios os srs. João Antonio de Miranda Guimarães e Domingos Manoel Barbosa Brandão.

Aberta a sessão foi lida a acta da sessão solemne d'abertura pelo 1.º secretario da direcção da Associação, o sr. José Pereira Cardozo Junior.

O sr. Afonso Alves do Carmo, servindo de secretario, leu tambem o relatório da sessão solemne da abertura.

Em seguida e finalmente leu o sr. visconde de Lagoaça o discurso do encerramento.

Terminada a cerimonia, rompeu os vivas a S. M. El-Rei o sr. D. Pedro V e á familia real o sr. José Francisco da Costa Guimarães, seguindo-se-lhe o sr. presidente da camara, que soltou tambem os vivas ao protector das artes, os quaes foram recebidos e secundados freneticamente por todas as pessoas, que se achavam no salão.

A concorrência era numeroza, e nas galerias achavam-se algumas senhoras; tocando ali a banda da guarda municipal o hymno do Sr. D. Pedro V, e o da exposiçao.

Assim acabou a festa nacional do trabalho e industria, que deixará no coração dos portuenses immorredouras recordações, inaugurada e encerrada sob a invocação do immortal nome do rei artista e popular.

Os dias 25 d'agosto e 16 de setembro de 1861 ficarão para sempre registrados nos fastos da Associação Industrial Portuense.

Exposiçao Industrial.—Foi visitada até o dia 16, dia do seu encerramento, por 19923 pessoas de ambos os sexos, afóra as que entraram com bilhetes permanentes, operarios de fabricas etc. etc.

O producto das entradas desde o dia da abertura até a dia 16 foi de rs. 3:221\$210.

Noticias agricolas do Douro.—Estão proximas as vindimas: e até já alguns pequenos proprietarios as começaram. Esta epocha de viticultura, apesar de ser a mais fadigosa e sempre bemvinda para o lavrador, principalmente se espera boa colheita. A deste anno prometia ser grande, e talvez igual em quantidade á de 1851, porém na actualidade calcula-se para menos de dois terços.

O inverno foi pouco aspero; a primavera e começo do estio correram humidos, frios e com frequentes vicissitudes de temperatura, resultando daqui o ser muito irregular a florescencia e fructificação das plantas, principalmente das vinhas.

Aos frequentes chuvis e baixa temperatura dos mezes de maio junho e julho se devem talvez attribuir os progressos do *oidium tuckeri*, e o tornar-se mais pertinaz em repetir seus ataques, os quaes, na maior parte dos casos, cediam contudo ás enxofrações mais facilmente, que em alguns dos annos anteriores. Nas localidades mais avasseras, humidas e de vinhedos mais fortes tiveram os lavradores de empregar 8 a 10 enxofrações para rebater os repetidos insultos da epidemia, e só por estes meios conseguiram salvar as uvas de tão temivel flagello os lavradores que tiveram a precisa energia e vigilancia em os applicar.

Sem a divida transicção appareceram nos fins de julho os calores proprios do estio, e elevaram-se a ponto que n'alguns dos ultimos dias de agosto o thermometro centigrado marcou (ao meio dia) no interior das habitações 25º a 28º e no exterior 33º a 36º; e o barometro aneroides oscillou entre 0,772 a 0,774. Os ventos que sopraram nos mezes de julho e agosto quasi sempre de E. N. E. e S. E., tambem não concorreram pouco para a extrema secura do solo e athmosphera. Este complexo de condições meteorologicas extenuou os vegetaes, e apressou a maturação dos fructos, que se effectou de um modo imperfeito, por lhe faltar a necessaria humidade, e até pela secura das noites, os orvalhos que nesta epocha do anno muito concorriam para sazonar os mesmos fructos. Em nosso entender a maturação das uvas antecipou-se ainda mais por influencia do enxofre, estimulante que, vigorizando a vinha, tambem deve influir no adiantamento do seu fructo.

Nos terrenos fundos as vinhas novas e bem tratadas devem produzir vinho de excellentes qualidades, porém nas localidades mais adustas e de terrenos delgados, a imperfeição da maturação da uva deverá fazer predominar nos vinhos o vicio do «agro-doce», se na vindima não houver minuciosa escolha da uva mal sazoadada e muito apuro no fabrico dos vinhos.

No Douro a novidade dos vinhos deve ser pequena; nem mesmo se pode calcular a quantidade a que ella virá a reduzir-se, se continuar a estação secca e quente como tem corrido. No Cima Corgo principalmente, e nas vinhas antigas e de terrenos mais delgados, ametade das uvas estão em passa, e grande parte da folha das videiras cahida, e de dia para dia parecem sumir-se as uvas.

As vindimas das grandes quintas deverão principiar de 10 a 14 de setembro; e não será prudente demoral-as mais se assim continuar a estação.

Só o elevado preço poderá compensar ao lavrador as despezas e fadigas, que lhe tem custado a proxima novidade de vinhos, e as que lhe vae custar a colheita, de certo mui dispendiosa pelas razões expostas. Felizmente, porém, prometem-se vendas vantajosas. Do Porto tem vindo pelo Douro grande quantidade de aguardente para beneficio dos vinhos na colheita, a maior parte remetida por especuladores, o que, alem de outras razões taes como a necessidade que o commercio tem de vinhos excellentes etc., induz a crer haverá procura deste genero. Alguns pequenos lavradores já effectuaram venda de seus vinhos por preço de 50 a 60\$000 réis a pipa e tambem já se venderam os de algumas quintas de vinhos de mais affamadas por preço de 70 a 80\$000 réis por pipa.

A arguamente tem regulado no Porto, a de cereaes de 12.º Tessa 135 a 140\$000 réis a pipa; e de 18.º 170 a 175\$000 réis; a de vinho, muito rara no mercado, de 220 a 260\$ (de 9 a 10.º Tessa). No Douro quasi não apparece á venda. A baga de sabugueiro tem obtido na Regoa o preço de 800 rs. a raza (1½ de Lamego), attendendo porém ao pouco consumo que deste genero se faz

presentemente no Douro, é de presumir que não augmenta de valor. (Viriato.)

Pergunta—Aonde poderemos ler as propostas na camara dos srs. deputados para a estrada d'Aveiro a Agueda, e outras para outros melhoramentos neste districto, e que vimos aqui n'um jornal, que são do sr. deputado por Agueda?

O *Diario de Lisboa* do dia 24 do mez pasado, que traz todas as propostas de diferentes srs. deputados para estradas, e que foram enviadas á commissão das obras publicas para as considerarem, não faz menção de nenhuma do sr. deputado por Agueda, nem ao menos como subscrivendo as duas do sr. José Estevão, para a estrada do Boco a Oliveira do Bairro, e para a d'Agueda atravessando por Eixo á estação do caminho de ferro em Aveiro.

Seria ommissão do *Diario de Lisboa*? Assim o cremos; de contrario como haviam de escrever que a iniciativa e proposta era d'elle, sem que nem o nome desse para nenhuma. Nós que andamos colleccionando todos os discursos, propostas, iniciativas e requerimentos feitos na sessão de 1861 pelo nobre deputado por Agueda para lhe darmos publicidade, não queremos commetter igual ommissão á que, parece, commettera o *Diario de Lisboa*. Desejamos saber d'onde consta isto, ou por outra, que jornal ou papel, que se possa apresentar como documento, resa d'isso?

Trocaria o *Diario de Lisboa* os nomes?

Em qualquer dos casos foi máu, porque já nos fez passar por mentirosos dizendo, que se não fbrá o sr. José Estevão não quinharia este districto nos duzentos contos para as estradas municipaes e districtaes; e queremos retratar-nos dando o seu a seu dono, e tambem não queremos deixar occulta alguma cousa que possa dar nome ou gloria ao illustre deputado por Agueda.

CORREIO

LISBOA 18 DE SETEMBRO

(Do nosso correspondente.)

O baile do sr. barão de Rosenberg, ministro da Prussia nesta corte, esteve esplendido. Extremamente anaveis, os donos da casa esmeraram-se em que a funcção estivesse digna dos altos personagens que tinham accedido o convite. SS. MM. o sr. D. Pedro V e o sr. D. Fernando, a augusta noiva e os principes allemães, os srs. infantas D. Luiz e D. João demoraram-se no baile até depois das 2 horas da noite. A sr.^a infanta D. Isabel Maria tambem concorreu á festa diplomatica, onde se conservou até tarde. Dançou-se até ás 5 horas da manhã. Os ministros, corpo diplomatico, altos funcionarios do estado, pessoas da corte, alem de outros convidados, tornaram muito numerosa e luzida a reunião daquella noite. Estavam muito poucos cavalheiros de casaca; eram a excepção, porque a quasi totalidade vestia uniforme militar ou civil.

No dia 16, anniversario natalicio do sr. D. Pedro V, houve cortejo no paço, sendo numerosissimo o concurso das pessoas que foram cumprimentar a S. M. As funcções que tem havido ultimamente na corte, concorreram alguns cavalheiros que ha muito tempo não se apresentavam no paço.

A noite appareceu toda a familia real no theatro de D. Maria II, onde entrou pelas 8 e meia e se demorou até perto das 11 horas. Havia enchente a deitar fora. Os camarotes estavam brilhantemente guarnecidos, e uma grande maioria dos espectadores vestia casaca preta. Havia algumas senhoras na platêa, o que é raro naquella theatro. A officialidade da corveta brasileira *Bahiana* apresentou-se em numero e de grande uniforme.

O drama a *Abnegação* não agradou muito. Foi ouvido desde a primeira scena até á ultima n'um religioso silencio. Apesar de abundar em trechos dramaticos de effeito, de conter dialogos animados, e um estylo por vezes elevado, a peça não mereceu uma palma. O drama é pesado, improprio, talvez, de ser estreado n'uma noite de gala, e creio não ser daquelles que dure por muito tempo no repertorio, e de interesse ao theatro. Entretanto, cumpre dizer que não é por uma primeira representacão que se deve avaliar definitivamente um trabalho dramatico, nem julgar pelas primeiras impressões do effeito que nas subsequentes representações possa produzir no publico. Pôde ser que nas mais que venha a ter, o auctor alcance um triumpho. O desempenho foi muito regular.

A comedia, intitulada *Um anno em quinze minutos* é uma das mais inverosímeis, mas das mais chistosas que tenho visto. A vivacidade e a graça hespanhola, estão a denunciar-se a cada passo naquella divertida composicão comica. O desempenho não podia ser melhor.

Hontem pelas 10 horas da manhã, S. A. a sr.^a infanta D. Antonia, em companhia de seu esposo, foi a S. Vicente orar pela alma de sua virtuosa mãe. Quantas lagrimas e saudades custaria á filha estremecida esta religiosa visita! Quantas lagrimas se derramario hoje na despedida entre uma familia que tanto se ama!

E é certo, a actual familia real portugueza pôde servir de exemplo e modelo de virtudes domesticas.

No *Diario* de hontem vem publicado o officio, datado de Turin a 6 do corrente, em que o sr. visconde de Seissal dá conta da recepção que lhe foi feita e a toda a legação portugueza pelo rei Victor Manoel. São muito significativas e honrosas para Portugal estas demonstrações de affectos por parte do rei d'Italia, sendo ao mesmo tempo uma justa compensação do bom acolhimento que em Lisboa encontrou o sr. marquez de Bella, enviado extraordinario do monarcha italiano.

Por estas mutuas demonstrações vê-se que existe o empenho de estreitar cada vez mais as relações entre os dois paizes, e quem sabe se ellas são o prologo de futuras e mais intimas relações. Acredito que sim.

A carta do sr. Xavier de Quadros responde o sr. José Marques na *Revolução* de hontem. São curiosas estas duas correspondencias. Não asqualifico d'outro modo.

Tem hoje logar na praça do campo de Sant'Anna a tourada por curiosos. Já estou ouvindo estrugir os foguetes, o que me produz uma mediocre impressão, porque não sou entusiasta daquelle divertimento. Entretanto, do que souber ou vir darei noticia opportunamente.

O meu bom amigo, o sr. marquez de Souza Holstein, escreveu na *Revolução* de hoje uma resposta ao que ha dias se publicára naquella folha, com referencia á guarda real dos archeiros. A *Revolução* deu logar d'honra á correspondencia do illustrado marquez, e não lhe faz commentario nem junta observação de nenhuma especie.

A victoria que se fez ás obras de cantaria na praça de Camões sempre servio para alguma cousa. Consta-me que em virtude dessa victoria, para a qual muito concorreram as reflexões da imprensa e a dedicacão do presidente da camara municipal, serão arrancadas as escadarias lateraes, e reformada toda a obra. Oxalá que se verifique esta boa resolução, que nos livra d'uma grande vergonha em assumpto d'arte.

Hoje pelas dez e meia da manhã levantou ferro a corveta *Bartholomeu Dias*, levando a seu bordo os angustos noivos e a sua comitiva. Ouvi dizer que fora muito sentida a despedida da sr.^a infanta, e que este acto commovera muito a seus angustos pae e irmãos, e ás damas de S. A. O dia está esplendido de sol e brilho; poucos, nesta estação, iguaes aos de hoje logrará a bella princeza no paiz que vac habitar agora.

O prior da Sé poz difficuldades a que fosse interrado em sagrado o cadaver da infeliz rapariga que se suicidou na noite de 14 do corrente. Respeito os escrúpulos de consciencia daquelle ecclesiastico, embora me pareçam exaggerados. Intendo que o suicidio é sempre o resultado d'uma alienação mental, e não me consta que a igreja negue sepultura sagrada áquelles que tem a desgraça de perder o uzo das suas faculdades intellectuaes.

A *Liberdade* d'hontem annuncia proxima a appareição do manifesto do novo partido politico que se está formando. Este documento é esperado com impaciencia. Embora a epoca não seja a mais propicia aos programma politicos, este, a que me refiro, tem excitado a curiosidade publica, havendo muita gente que confia em que elle será a manifestação sincera do pensamento politico e governativo d'alguns dos caracteres mais importantes d'um grupo que já existia no parlamento, e que é representado na imprensa pela *Politica Liberal* e pela *Liberdade*. A *Revolução* combate o novo partido, e a folha semi-official não fallou d'elle ainda. A guerra d'um, e a reserva do outro d'estes dois jornaes comprehendem-se facilmente.

O asylo das raparigas abandonadas não tirou grande resultado do beneficio de domingo no Passeio publico. Teve, apenas, em seu favor o saldo de 144\$465 rs., que ainda assim se deve julgar avultado, se se attender a que a noute esteve muito fria e agreste. Parecia uma noute de janeiro. Aquelle asylo não é dos mais felizes em beneficios. No ultimo que fez, lembro-me de que a concorrencia foi diminutissima.

Hontem houve grande concerto extraordinario no Caffé Concerto. Todas as peças de muzica de que rezava o programma foram executadas com bravura e proficiencia. A concorrencia foi muito regular, não obstante o augmento dos preços.

Não é ainda em outubro, como se annunciara, que o circo Price abrirá as portas aos amadores de cabriolas, e aos admiradores das amazonas. Mestre Thomaz tem feito bons interesses em Sevilha, e apezar da muita amizade que dedica ao publico portuguez está prezo pelos laços da gratidão, aos sivilhanos, e sómente para os meados de novembro dará a Lisboa o prazer de applaudir a sua companhia equestre. Esta noticia tem cauzado grande tristeza em muitos janotas.

Está perigosamente enfermo, e sem esperança de vida o conselheiro Luiz José da Silva, official maior graduado, hoje reformado, da secretaria das justicas. E' homem que prestou muitos serviços á cauza da liberdade.

O conselheiro Bartholomeu dos Martyres já pediu a reforma. Poderá não. Herdou ha poucos mezes uma grande fortuna, e quer gosal-a descaçado. Porisso lhe não quero mal.

Falla-se muito d'um tractado de commercio entre a França e a Hespanha. Queira Deus que este facto, se se realizar, abra os olhos ao governo portuguez e ao corpo legislativo, para se occuparem com a devida attenção da nossa reforma de alfandegas. A pauta, como está, é um grande estorvo para o desenvolvimento do nosso commercio, e um inimigo poderoso da nossa industria. A reforma da pauta das alfandegas é uma das primeiras, senão a primeira, a que cumpre attender com urgencia, se é que não queremos entregar nas mãos do contrabando os lucros legitimos do estado, e ver prosperar o visinho reino á custa do nosso imperdoavel desleixo e inqualificavel ignorancia economica.

Tudo tem um termo neste mundo, e é, por tanto, indispensavel que acabe em Portugal um systema aduaneiro, de que só lhe resultam desvantagens e prejuizos.

Não é sómente o paiz que tem a lucrar com uma bem entendida reforma d'alfandegas. O governo que propezer uma reforma racional, e o parlamento que a approvar ganham tambem muito, porque se auctorisam na opinião publica. É uma

questão em que não entra politica; é um assumpto importante para todos os partidos, porque interessa a todo o paiz.

O aspecto das provincias napolitanas começa a ser mais favoravel para o novo reino d'Italia. Tem havido repetidas submissões de muitos chefes reaccionarios, e nos ultimos recontros as guerrilhas de Cheavone levaram uma boa lição das tropas de Cialdini.

Estou certo de que a extincção do movimento insurreccionista nas provincias do sul será o signal para que o novo reino d'Italia obtenha o reconhecimento das potencias que até hoje se tem conservado em reserva diplomatica.

Os negocios de Roma continuam ainda no *statu quo*. A França pareceu querer agora mostrar uma nova variante politica em relação áquella questão. Os manejos diplomaticos do imperador Napoleão 3.^o dão que entender a muita gente, pouco habituada a apreciálos na sua verdadeira significação. E' certo que a politica do imperio se tem mostrado contradictoria muitas vezes; entretanto, nos assumptos de Italia não creio que o imperador queira mais do que ir contemporisando, e, mantendo a influencia franceza na Italia, tirando á Austria e á Hespanha o pretexto de figurarem por meio da força nos negocios de Roma, esperar a occasião opportuna para se declarar explicitamente sobre a grave pendencia do poder temporal do summo pontifice.

A conferencia entre Napoleão e o rei de Prussia, pelo que se lê nas ultimas folhas estrangeiras, está ainda longe de realizar-se, assim como o reconhecimento do reino d'Italia pela Russia e Prussia. O que passa por certo é que o Brazil não se demorará em reconhecer como rei d'Italia a Victor Manoel. Se tal noticia se realizar este acto do governo imperial é importante, quando attendermos ás relações de familia que existem entre o sr. D. Pedro 2.^o e o ex-rei de Naples.

A proposito do Brazil; o commercio e a riqueza d'aquelle imperio parece estarem ameaçados por uma grande catastrophe, em consequencia da enfermidade que ataca os cafezaes.

O café é um dos ramos mais importantes do commercio do Brazil e uma das principais fontes da sua receita. A exportação do café do Brazil para a Europa importa annualmente em muitos mil contos de reis. As nossas colonias d'Africa já dão o sufficiente para o consumo no reino; mas se a molestia vigorar no Brazil, o que não desejamos, ali se offerece ás possessões portuguezas da Africa occidental e oriental um novo enjoo de augmentar a sua riqueza. Para isso, podem, cumpre que o governo auxilie os plantadores de café, fornecendo braços onde sejam necessarios, para que não continue a acontecer o que tem succedido nas ilhas de S. Thomé e Príncipe, onde uma grande parte da producção annual do café fica por aproveitar, em consequencia de não haver braços sufficientes para fazer os trabalhos da colheita.

Estudem bem os poderes publicos os recursos que ainda temos, e Portugal pode erguer-se nobre e vantajosamente em muito poucos annos. A questão para o nosso paiz é haver juizo.

O actor Simões que era esperado neste paquete, só virá no seguinte, pois me informam de que ficou em Pernambuco para dar algumas representações.

MOVIMENTO DA BARRA
Aveiro 17 de setembro
ENTRADAS

MATHOSINHOS, cahique port. Perola do Vonga, mestre M. Vicente, 6 pessoas de tripol., em lastro.
PORTO, hiate port. Rasilo 1.^a, mestre M. R. do Sacramento, 7 pessoas de tripol., em lastro.
OLHAO, cahique port. Senhora do Rozario, mestre A. V. Fuzeta, 7 pessoas de tripol., figo e peixe salgado.
Em 18
VIANNA, rasea port. Senhora do Pilar, mestre S. da S. Marques, 10 pessoas de tripol., em lastro.
IDEM, rasea port. Santa Maria, mestre J. J. de Mattos, 6 pessoas de trip. em lastro
PORTO, rasea port. Moreira, mestre L. Henriques, 9 pessoas de tripol. em lastro.
VILLA DO CONDE, hiate port. Nova União, cap. J. F. Mano, 6 pessoas de tripol., em lastro.
Sahidas em 17
S. MARTINHO, hiate port. Novo Atravido, cap. M. Marques, 7 pessoas de tripulação, sal
VILLA DE CONDE, Hiate port. Deus Sobre Tudo, cap. J. S. Re 7 pessoas de tripol., sal
VIANNA, Hiate port. Christina, cap. J. A. de Pinho, 7 pessoas de tripol., sal
PENICHE, cahique port. Bom Fim, mestre F. M. da Cruz, 11 pessoas de tripol. sal.
Em 18
PORTO, hiate port. Dez de Outubro, cap. J. J. da Silva, 8 pessoas de tripol., sal
PORTO, Hiate port. Nova União, cap. J. da Rocha, 7 pessoas de tripol., sal
PENICHE, Hiate E' Segredo cap. A. N. Ramizote, 7 pessoas de tripol., sal.
CAMINHA, Hiate port. Cortez, cap. A. G. Vianna, 5 pessoas de trip. sal
LISBOA, hiate port. Dois Irmãos 1.^a cap. M. A. G. Netto, 7 pessoas de tripol., taboado
VIANNA, rasea port. Victoria, mestre L. da Silva, 12 pessoas de tripol., sal
PORTO, rasea port. Correo d'Aveiro, mestre J. Simões, 9 pessoas de tripol., sal.

ANNUNCIOS
PUBLICAÇÕES DIVERSAS.
REVISTA CONTEMPORANEA
DE
PORTUGAL E BRAZIL
Tiragem de 2:500 exemplares.
Publicou-se o 4.^o n.^o do 3.^o anno, contendo:
F. A. da Silva Taborda—por J. C. Machado.

Viagem da fragata austriaca Novara—por Latino Coelho.

A menina do mirante—por Andrade Ferreira.

Emilia das Neves—por A. F. de Castilho.

Canção dos Piratas—por Bulhão Pato.

Brinde d'annos—por J. de Castilho.

Chronica—por E. Biester.

Este numero é acompanhado do retrato do actor Taborda.

Condições da assignatura:
Na capital Nas provincias
Por anno... 2\$000 Por anno... 2\$500
Por semestre... 1\$100 Por semestre... 1\$250
Avulso — 300 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida, ao sr. F. da Costa da Matta—administrador da *Revista Contemporanea*—Calçada do Sacramento n.^o 9, sobre-loja—Lisboa.

Pela direcção das obras publicas do districto de Aveiro se faz publico que no dia 6 do proximo mez de outubro, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde, no edificio da secretaria da direcção das mesmas obras, se ha de pôr em praça o fornecimento da mobilia abaixo designada para o lycêu de Aveiro; podendo tambem aquelles que quizerem arrematar o mesmo fornecimento, dirigir as suas propostas, em carta fechada, á direcção das obras publicas do districto, até ao dia designado para a referida arremataçã, em que os proponentes ou seus delegados deverão comparecer.

As condições relativas a este contracto estarão patentes no acto da arremataçã.

Mobilia

Trez estantes d'oleo ou caixão com molduras e caixilhos de vidraça.

Quatro mesas da mesma madeira.

Uma mesa grande para os exames.

Seis mesas pequenas para o mesmo fim, d'oleo ou caixão.

Trez bancadas em amphitheatro para as trez aulas.

Trez cadeiras para os professores nas trez aulas.

Uma pedra para a aula da terceira cadeira.

Oito duzias de cadeiras de palhinha.

Uma estante para a secretaria.

Uma secretária para a mesma.

Uma estante para os editaes.

Quatro bancos d'encosto para o salão da entrada.

Quatro ditos para a entrada.

Uma escada movel, grande, d'oleo ou caixão.

Outra mais pequena.

Aveiro 14 de setembro de 1861.

Silverio A. P. da Silva
Engenheiro director.

Segue viagem DO PORTO

PARA O RIO DE JANEIRO

A barca Portugueza

CRUZ QUINTO.

A SAHIR NOS FINS DE SETEMBRO

E' bem construida, e forrada de cobre, e com excellentes commodos para Passageiros, os quaes serão bem tratados dando-se-lhes almoço, jantar, e ceia, Cirurgião a bordo; Recebem-se passageiros a pagar aqui ou no Rio de Janeiro, e para isso trata-se com Antonio Pereira da Cruz, em Cima do Muro, do lado da Ponte, n.^o 39 e 40, e em Aveiro com Preira & Filho.

THEATRO NACIONAL

NO Rocio.

Seta-feira 20 do corrente.

EM BENEFICIO

Das actrices Maria da Conceição Soares e Candida Moreira da Silva

A companhia dramatica portuense levará scena o drama em 5 actos:

A GRAÇA DE DEUS.

Terminará o espectáculo com a poesia do sr. Palmeirim, recitada pela actriz Maria da Conceição Soares:

ESPERANÇA, OU RECEIO? ...
Começará ás 8 horas e meia.

Preços:—Platêa superior para senhoras e homens 200 rs. — Tricanas 120 rr.

RESPONSAVEL—Manoel Cypriano da Silveira Pimentel.

Typographia do Districto d'Aveiro.